

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

QUATRO NOTÁVEIS BENEFICIADOS DA INSIGNE COLEGIADA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA EM GUIMARÃES. ESBOÇOS BIOGRÁFICOS.

GONÇALVES, Alberto

Ano: 1932 | Número: 42

Como citar este documento:

GONÇALVES, Alberto, Quatro notáveis beneficiados da Insigne Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães. Esboços biográficos. *Revista de Guimarães*, 42 (1-2) Jan.-Jun. 1932, p. 35-37.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Quatro notáveis beneficiados da insigne Colegiada de N.^a S.^{ra} da Oliveira em Guimarães

(ESBOÇOS BIOGRÁFICOS)

Desta Colegiada — assevera um escritor — saíram 1 Papa, 3 cardiais, 9 arcebispos e 18 bispos, o que não admira, se atendermos aos inúmeros privilégios e grossos rendimentos de que ela gozava.

Como todos sabem, **Colegiadas** eram corporações eclesiásticas constituídas por dignidades que — regendo-se por estatutos próprios — não estavam sujeitas à jurisdição episcopal, mas à Cúria Romana, e tinham por chefe ou superior um *Abade* ou *D. Prior*. A origem desta, de Guimarães, remonta aos ante-primórdios da nacionalidade e mereceu à fundadora do dúplice mosteiro, donde ela se derivou, as mais valiosas dádivas não só em dinheiro, em propriedades e domínios, como em alfaias e livros eclesiásticos com os quais se formou uma selecta e erudita biblioteca.

D. Mumadona dedicou o convento primitivo ao Salvador do Mundo e à Virgem Nossa Senhora, nêle se internou e ali viveu até morrer, após 70 anos de clausura, como consta de documentos autênticos.

Seus descendentes o engrandeceram e revestiram de maiores prerrogativas e mercês, até que D. Fernando Magno não só as confirmou todas, bem como lhe outorgou o privilégio de *que nenhum criminoso fôsse prêso dentro dos seus muros ou nos terrenos do termo da sua jurisdição, de que os rios Ave e Vizela serviam de baliza e que todas as culpas nêle cometidas fôsem perdoadas ou relevadas pelo Vigário ou pelo Ouvidor do dito convento, impondo às justiças que em contrário procedessem, o pagamento dum talento em ouro como multa*. Portanto, por estas e muitas outras cousas, porventura sobejamente

conhecidas de muitos dos que nos lerem, a Colegiada de Guimarães, tornou-se um rendoso e aristocrático priorado, cujas outras dignidades eram insistentemente solicitadas por nobres e fidalgos portugueses ou seus descendentes.

Entre estes houve, nesta Colegiada, quatro beneficiados notáveis e ilustres, dos quais vou agora tratar ainda que sucintamente para não absorver muito espaço a esta *Revista*.

D. José de Melo — filho bastardo de D. Francisco de Melo, marquês de Ferreira — foi arcebispo de Evora, de cuja mitra tomou posse em 6 de Novembro de 1611. Nasceu em Evora e foi educado em Moura, sem conhecer o pai. Por tal motivo usava o nome de José Pimenta com o qual se matriculou e estudou na Universidade de Coimbra, em companhia dum seu irmão por nome D. João de Bragança. Foi a Roma como representante de Portugal e Castela e desempenhou-se tão bem dessa missão que Filipe II o nomeou bispo de Miranda. Ali na capital da Itália obteve do Papa um *Breve* para a fundação do convento da Encarnação, em Lisboa.

Foi cónego-beneficiado da Colegiada no tempo daquele rei luso-espanhol.

Faleceu na sua terra natal em 2 de Fevereiro de 1633, sendo sepultado na capela-mor da igreja dos Remédios, da mesma cidade, da qual era padroeiro. Formoso é o seu túmulo do lado do Evangelho.

Segundo consta da respectiva inscrição ou legenda funerária, instituiu ali o dito prelado seis missas diárias e três officios anuais por sua alma, dos seus pais, irmãos, sucessores e parentes.

D. José de Melo, quando arcebispo de Evora, protegeu muito a sua ainda parenta, a abalizardíssima poetisa Públia Hortência da Costa, nascida em Vila Viçosa, matriculando-a na Universidade da dita cidade, onde ela, em novas discussões, verdadeiros certames de erudição, se notabilizou a ponto de André de Resende, que era um dos argüentes, ficar assombrado do seu extraordinário talento.

Venturino diz, nas suas impressões de viagem a Portugal, quando acompanhou o legado pontifício — o cardinal Alexandrino — rev. Miguel Boneli a Vila Viçosa, entre as suas mulheres formosas *uma havia não menos formosa de alma que de corpo que tinha 22 anos*.

Este talento privilegiado faz-nos lembrar o que já afirmamos algures a este respeito sôbre *Santa Catarina*, advogada dos leólogos que, tendo estudado teologia a fundo, discutiu com 50 filósofos numa selecta academia de Alexandria, a todos assombrando e confundindo com a sua argúcia de intelligência e perspicácia de argumentação.

D. João da Gama—filho do 3.º conde da Vidigueira, Vasco da Gama, e de D. Maria de Ataíde, foi arcediágo de Sobradelo e capelão-mor de El-Rei Filipe III. Faleceu no dia 28 de Março de 1617, em Miranda, de cuja mitra também foi bispo. Pertenceu à Companhia de Jesus.

Pela parte materna era sobrinho do 1.º conde da Castanheira, D. António de Ataíde.

O seu retrato está no paço dos bispos de Bragança. Foi seu irmão D. Francisco da Gama, vice-rei da Índia.

(Continua).

P.º ALBERTO GONÇALVES.